

---

# DURKHEIM NÃO É FUNCIONALISTA

---

**Carlos Henrique Marques\***

O funcionalismo é uma abordagem que foi amplamente utilizada na antropologia e na sociologia, sendo hegemônica por um período de décadas e, mesmo depois de perder fôlego, continuou sendo utilizado. Durkheim, por sua vez, é um clássico da sociologia, sendo um autor amplamente utilizado até os dias de hoje. É comum ler em manuais de sociologia e em outros lugares que Durkheim é um autor funcionalista. O objetivo do presente artigo é discutir se este autor pode ser considerado funcionalista ou se, pelo contrário, esse lugar comum é um equívoco que se reproduz constantemente no pensamento sociológico.

## **O que é o funcionalismo?**

O funcionalismo foi uma concepção hegemônica na sociologia norte-americana a partir dos anos 1950. Porém, ele foi antecedido pelo funcionalismo na antropologia, cuja origem remete aos anos 1920. Assim, o termo “funcionalismo” pode remeter tanto para a escola antropológica quanto a escola sociológica. Essa abordagem, tanto em sua versão antropológica quanto em sua versão sociológica, é uma ideologia, no sentido marxista do termo (Marx; Engels, 1982; Viana, 2017; Marques, 2020), e pode ser dividida em duas partes: a parte metodológica, o método funcional, e a parte ideológica, chamada de “teórica”, que é o funcionalismo em geral.

A ideologia funcionalista, tal como o método funcional, é uma abordagem que tem como eixo fundamental a ideia de “função”. Ela extrai da ideia de função o postulado segundo o qual as instituições possuem a função de reproduzir a sociedade, tal como os órgãos de um organismo. Sem dúvida, a analogia sociedade-organismo é a base

---

\* Doutor em Sociologia pela UnB – Universidade de Brasília; Autor do livro “*O Que é Comunismo?*” (Goiânia: Edições Enfrentamento, 2022).

ideológica do funcionalismo. Porém, o funcionalismo orgânico da antropologia se diferencia do funcionalismo sistêmico da sociologia. Por isso, para entender melhor o funcionalismo é interessante discutir, brevemente, as suas duas formas principais de manifestação, na antropologia e na sociologia, bem como as mutações ocorridas na passagem de uma para a outra.

### **O Funcionalismo na Antropologia**

O funcionalismo é uma das principais escolas antropológicas, ao lado do evolucionismo, cultura e personalidade, estruturalismo, interpretativismo e outras. A sua origem se encontra nas obras de alguns dos mais destacados antropólogos da primeira metade do século 20, especialmente Bronislaw Malinowski, Alfred Radcliffe-Brown e Evans-Pritchard, entre outros. Esta concepção parte da analogia entre sociedade e organismo e busca compreender como as diferentes partes da sociedade interagem entre si para criar um todo coerente.

Malinowski, em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978), escrita em 1922, fez uma ampla monografia, o que alguns chamam de “método monográfico”, voltado para compreender a sociedade trobriandesa e explicar os diversos aspectos que a compõe. Ele, assim, identificou que o Kula (troca de colares por braceletes), as canoas, os mitos, entre outras partes da sociedade trobriandesa, possuem a função de reproduzir o todo que é esta sociedade.

Radcliffe-Brown, em *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva* (1989), de 1952, abordou a ideia de função social, que se refere às maneiras pelas quais as práticas culturais e instituições sociais atendem às necessidades de uma sociedade. Ele argumentou que as culturas são adaptativas e, portanto, a existência de certas práticas sociais e instituições podem ser explicadas em termos de como elas contribuem para a sobrevivência e manutenção da sociedade como um todo.

Alguns autores acabam destacando a diferença entre o funcionalismo de Malinowski e o de Radcliffe-Brown, chamando o segundo de “estrutural-funcionalismo”. Contudo, o que interessa aqui são as semelhanças e o elemento comum que faz com que as duas concepções sejam funcionalistas, mesmo com pequenas diferenças entre si. Esses dois pensadores, ao lado de Evans-Pritchard e outros, desenvolveram a escola funcionalista em antropologia e todos eles eram ingleses (Malinowski nasceu na Polônia, mas depois de uma breve passagem pela mudou-se para a Inglaterra, onde fez sua carreira acadêmica).

Quando se coloca Durkheim e Mauss, dois franceses, como relacionados ao funcionalismo antropológico, é possível ver logo que há um mal-entendido. A nacionalidade não é o único motivo. Sem dúvida, existem proximidades entre a concepção durkheimiana e do seu sobrinho, Marcel Mauss, e o funcionalismo antropológico e também com o sociológico. A questão é que, ao lado das semelhanças, existem as diferenças. Não cabe aqui aprofundar isso, pois será retomado adiante, mas é preciso destacar que ambas as concepções, de Durkheim e Mauss, por um lado, e do funcionalismo antropológico, por outro, são holistas e conservadoras. O princípio da totalidade está na ideia de fato social em Durkheim (1974) e, mais explicitamente ainda, em Mauss e sua ideia de “fato social total” (1988). Porém, o holismo perpassa inúmeras ideologias e escolas antropológicas e sociológicas e a categoria de totalidade tem uma longa história filosófica, que se reproduz através da influência de Hegel e Marx. Obviamente que são noções diferentes de totalidade e junto com a semelhança se encontra a diferença. Por outro lado, o conservadorismo é outro elemento comum na história das concepções antropológicas e sociológicas. Esses dois elementos (holismo e conservadorismo) são insuficientes para vincular Durkheim e Mauss à escola funcionalista em antropologia. O holismo possui inúmeras formas de manifestações (deixando de lado as concepções hegelianas e marxistas, ainda teria o racionalismo cartesiano, o estruturalismo em suas diversas manifestações, o organicismo, etc. e está presente em várias escolas antropológicas não-funcionalistas) e o conservadorismo é algo que acompanha a história da antropologia e da sociologia e possui inúmeras formas da manifestação<sup>1</sup>.

Assim, Durkheim e Mauss pensavam em termos de reprodução (ou seja, conservação) das sociedades e faziam isso a partir de alguns construtos-chaves, como, por exemplo, solidariedade (Durkheim) ou reciprocidade (Mauss). Isso tem semelhanças e diferenças em relação ao funcionalismo antropológico. O primeiro elemento de diferença é a analogia entre sociedade e organismo<sup>2</sup>. O segundo é tornar a “função” o construto-

---

<sup>1</sup> Entenda-se, por conservadorismo, aqui, tanto as diversas concepções políticas conservadoras (liberalismo, fascismo, nazismo, republicanismo, conservantismo, nacionalismo, etc.) quanto no sentido de buscar conservar a sociedade existente sem orientações políticas explícitas. No fundo, as concepções políticas conservadoras apenas apresentam projetos e ideias políticas para conservar e o conservadorismo social geral pode omitir esse aspecto.

<sup>2</sup> Um elemento de biologismo pode ser visto, por exemplo, na tese de Durkheim (1995), sobre a divisão do trabalho social. Contudo, ele abandonou esse aspecto em suas obras posteriores, bem como é preciso entender que esse biologismo era muito mais evolucionista, devido à época e força do evolucionismo e darwinismo nessa época, do que funcionalista. Evolucionismo e funcionalismo são opostos.

chave da ideologia funcionalista. Esse é um elemento importante e que será retomado adiante.

As afirmações acima podem ser questionadas e é possível apontar que o vínculo de Durkheim, na verdade, é com a escola funcionalista em sociologia, e não em antropologia. Então é preciso abordar esta última para esclarecer tal dúvida.

### **O Funcionalismo na Sociologia**

O funcionalismo na sociologia, que pode ser chamado de “funcionalismo sistêmico” (e também foi chamado de “estrutural-funcionalismo”), para distingui-lo de seu semelhante antropológico, teve como principais representantes Talcott Parsons e Robert Merton. Alguns acrescentam Durkheim, o que é sem sentido, tal como mostraremos adiante. Parsons, por sua vez, ampliou e aprimorou a teoria de Durkheim, desenvolvendo uma estrutura de análise sociológica mais completa e sistemática. Já Merton, seguiu o desenvolvimento de Parsons e propôs estudos mais aplicados, por exemplo, para relacionar a teoria com assuntos relacionados à distribuição igualitária e equilibrada de oportunidades.

Parsons, em *O Sistema Social* (1982), de 1951, apresentou uma síntese do funcionalismo sistêmico. A ideia de sistema social, na qual a estrutura social e os elementos do sistema possuem a função de reproduzir o todo social é desenvolvida, e em outras obras ganha novas contribuições desse autor. Segundo Parsons, as instituições estão integradas em uma estrutura social que funciona como um todo sistêmico e que é fundamentalmente responsável pela realização dos objetivos gerais da sociedade (Parsons, 1982).

Merton, em *Sociologia: Teoria e Estrutura* (1970), de 1949, buscou resolver o problema do caráter estático da ideologia funcionalista, e assim destacou a existência de funções latentes, além das funções manifestas, bem como acrescentou o elemento disfuncional. Esses elementos, no entanto, não promoveram uma superação do caráter estático do funcionalismo, apenas o complexificou e permitiu trabalhar com ele de forma mais flexível e mais próximo da realidade.

O funcionalismo é uma perspectiva ideológica dentro da sociologia e se caracteriza por defender que as instituições sociais desempenham papéis específicos e necessários na manutenção da ordem e continuidade da sociedade. De acordo com essa ideologia, cada instituição tem funções específicas que contribuem para a estabilidade social e garantem que a sociedade possa continuar a funcionar. Entre as principais

características do funcionalismo, pode-se destacar sua ênfase na importância da estrutura social e suas funções, o foco na análise das relações sociais estabelecidas por meio dessas funções e a compreensão de que cada elemento da sociedade tem um papel importante a desempenhar para o funcionamento do todo.

A abordagem funcionalista foi amplamente adotada por sociólogos americanos na década de 1950, no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando a sociedade americana passou por mudanças significativas. Essa ideologia se encaixou como uma luva, assim como o estruturalismo e a chamada “teoria dos sistemas”, no paradigma reprodutivista, hegemônico entre 1950-1970 (Viana, 2019).

A relação dessa ideologia com Durkheim também pode parecer evidente e justificar considerarem esse clássico da sociologia um “funcionalista”, no caso “sistêmico”. Contudo, aqui existem problemas. Sem dúvida, nesse caso também existem proximidades e semelhanças. Inclusive pelo simples motivo de que Durkheim é um clássico da sociologia e, mais ainda, ter exercido forte influência sobre Talcott Parsons e, em menor grau, Robert Merton. Porém, Parsons não era um durkheimiano, nem Merton. Parsons utilizou vários aspectos da concepção durkheimiana, mas acrescentou vários outros e, além disso, não seguia à risca as teses do sociólogo francês. Novamente é possível recordar que tanto as concepções de Durkheim quanto as do funcionalismo sistêmico são holistas e conservadoras, como diversas outras abordagens sociológicas.

Um outro aspecto a ser considerado são as diversas inovações trazidas pelos dois sociólogos americanos. Parsons elabora toda uma teoria do “sistema social”, o que traz uma concepção de totalidade distinta da de Durkheim, bem como a influência que vem da comunicação e da cibernética. O funcionalismo sistêmico está bem longe do biologismo da primeira obra de Durkheim, ao contrário da escola funcionalista na antropologia. A ideia de sistema separa Parsons e Merton de Durkheim. Diversas outras inovações, incluindo as de Merton (funções manifestas e latentes, disfunções) mostram essa diferenciação.

Desta forma, o vínculo entre Durkheim e o funcionalismo sistêmico é um golpe de força<sup>3</sup> e não a constatação de uma realidade. Algumas questões emergem nesse contexto. Se Durkheim não era um funcionalista antropológico nem um funcionalista sistêmico, qual era a concepção de Durkheim? E, além disso, qual é a relação entre

---

<sup>3</sup> Entenda-se por golpe de força, aqui, uma ação violenta e arditosa. É arditosa por promover todo um processo de descontextualização e omissão, e é violenta por impor uma interpretação que se fundamenta no ardil.

Durkheim e o funcionalismo? Antes, porém, vamos apresentar algumas das principais críticas ao funcionalismo para, posteriormente, analisar a concepção de Durkheim e sua relação com o funcionalismo.

### **Críticas ao Funcionalismo**

As críticas ao funcionalismo são variadas e ainda possuem especificidades em cada caso particular. As críticas mais contundentes foi ao funcionalismo sociológico. Por isso, focalizaremos este, mas, no entanto, no final faremos uma comparação e mostraremos como é possível aplicar parte das críticas realizadas em relação ao funcionalismo sociológico ao caso do funcionalismo antropológico.

O principal objetivo do funcionalismo era entender como as instituições sociais contribuem para a harmonia e a estabilidade da sociedade. E esse aspecto gerou diversas críticas, pois o foco na harmonia e estabilidade, ou, mais precisamente, na “integração” (Viana, 2019), acabou promovendo a vinculação entre essa abordagem e o conservadorismo.

Uma das críticas mais populares ao funcionalismo é que ele ignorava conflitos e tensões sociais. Segundo Wright Mills (1982), o funcionalismo enxergava a sociedade como uma máquina perfeita, em que cada parte cumpria uma função específica. Essa concepção ignora que os indivíduos e grupos têm interesses conflitantes, o que pode levar a tensões e mudanças sociais significativas. Além disso, o funcionalismo não considera as desigualdades estruturais de poder que podem impedir algumas partes da sociedade de cumprir suas funções<sup>4</sup>.

Outra crítica comum efetivada contra o funcionalismo é que essa abordagem é conservadora. Para o funcionalismo, as estruturas sociais existentes refletem as necessidades da sociedade e, portanto, devem ser mantidas. Essa concepção impede que o funcionalismo possa contribuir para a análise da transformação social e, por conseguinte, diriam alguns, para sua efetivação. A crítica de Wright Mills, por exemplo, destaca esse aspecto. O conservadorismo analítico é complementado pelo conservadorismo político.

Uma das críticas mais contundentes ao funcionalismo é seu caráter teleológico. Viana (2002) e Mendras (1975) destacam essa característica e explicitam o quão isso é problemático. Segundo Viana, a explicação funcionalista tem um pressuposto teleológico,

---

<sup>4</sup> “Nesses termos, a ideia de conflito não pode ser formulada efetivamente. Os antagonismos estruturais, as revoltas em grande escala, as revoluções – não podem ser imaginadas” (WRIGHT MILLS, 1982, p. 51).

no qual as instituições possuem uma finalidade e assim acaba descrevendo a realidade ao invés de explicá-la, pois ao criar um modelo no qual o real é encaixado, ele já está predeterminado e só resta a descrição.

A terceira forma falsa de explicação é a *teleológica*. Esta é bastante utilizada na biologia e nas ciências sociais (a abordagem funcionalista). Ela busca apresentar a função de determinado fenômeno em uma totalidade. A explicação teleológica se fundamenta na busca da finalidade do fenômeno. Assim, se perguntamos qual é a função da religião na sociedade, a resposta (“explicação”) seria a de que ela serve para a reprodução e coesão da sociedade. Aqui, temos novamente uma descrição e não uma explicação. Dizer que a religião tem a função de reproduzir a sociedade ou manter a coesão social não é uma explicação. Só seria uma explicação se dissesse por que ela cumpre este papel (Viana, 2002, p. 827).

Mendras, por sua vez, destaca os exageros do funcionalismo com seu finalismo. Apesar de afirmar que são “excessos” do funcionalismo, o sociólogo francês diz que isso não é negligenciável e que está presente nos postulados básicos do funcionalismo.

Já Bernardin de Saint-Pierre dizia que o melão é dividido em pedaços para ser cortado em fatias e comido em família. Michelet admira a perfeição da natureza a tal ponto que a criança encontra uma mãe para cuidar dela quando chega ao mundo. Tais excessos do finalismo são risíveis, porém Bernardi de Saint-Pierre e Michelet não são espíritos negligenciáveis. Eles acentuam os perigos muito graves que provocam os excessos da análise funcionalista. Postulados implícitos levam a esses excessos do finalismo e da análise funcionalista (Mendras, 1975, p. 123)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> No final de sua análise do funcionalismo, Mendras destaca o aspecto conservador do funcionalismo, mas apresenta uma outra possibilidade, a do funcionalismo ser “revolucionário”. Sem dúvida, aqui se revela o conservadorismo do próprio Mendras, que usa o termo “revolucionário” no sentido de reforma da sociedade existente e não sua superação revolucionária: “Criticou-se o funcionalismo por ser uma tradução sociológica da ideologia conservadora. Com efeito, ao considerar-se que tudo funciona na sociedade, tem-se a tendência de pensar que ‘tudo funciona bem’. Todo estudo sociológico arrisca-se a concluir: já que as coisas são assim, é que devem ser assim. Contudo, uma análise funcional apurada e empírica pode não ser conservadora e sim revolucionária, na medida em que coloca em dúvida as funções aparentes das instituições sociais e permite eventualmente que se encontrem substitutos. Se se pode substituir uma instituição por outra e satisfazer a mesma função, é possível construir ‘utopias’ funcionais, determinando as condições de sua realização. Essa avaliação da ordem social vigente é uma das principais virtudes da análise funcionalista e dá certa força à Sociologia, que se torna assim inquietante para os poderes estabelecidos. Assim se explica por que ela foi proibida pelos regimes totalitários, hitlerista e stalinista” (Mendras, 1975, p. 126). O problema da análise de Mendras é trocar o que o funcionalismo faz, efetivamente, e o que ele “poderia fazer”, bem como omitir os postulados dessa concepção que ele mesmo anunciou, pois aí teria que ver a incompatibilidade de sua hipotética ideia de “troca de instituição”. Por outro lado, ele cita o antropólogo Radcliffe-Brown e quando abordar funções manifestas e latentes, bem como o disfuncional, não cita Merton, o responsável por esses acréscimos à ideologia funcionalista. Porém, mesmo nesse caso não é possível dizer que isso abriria a possibilidade de propor troca de instituições, bem como omite que o disfuncional é o que é prejudicial ao sistema e por isso deve ser superado, através da integração e “refuncionalização” desse aspecto desviante. Por fim, Mendras coloca hipoteticamente a possibilidade de troca de instituição e não superação de uma forma de sociedade, tal

A análise funcionalista é teleológica e predeterminada, sendo que todas as instituições possuem a função de reproduzir o todo que é a sociedade. Esse modelo não pode ser questionado e, desta forma, não há nada a se acrescentar, a não ser através da pergunta sobre o “como” se faz isso.

Essas críticas são retomadas e ampliadas no sentido de entender a vinculação do funcionalismo com o paradigma reprodutivista (Viana, 2019). O paradigma reprodutivista se torna hegemônico nos anos 1950 com o reino de ideologias como o estruturalismo, funcionalismo, sistemismo, entre outras. O paradigma reprodutivista explicita, no plano do pensamento, as tarefas políticas, econômicas e culturais da burguesia após a Segunda Guerra Mundial e a instauração do regime de acumulação conjugado. O formalismo é um outro elementos característico do funcionalismo e das ideologias hegemônicas da época, tal como alguns autores notaram (Viana, 2019). Nesse contexto, o conservadorismo do funcionalismo acompanha o holismo e objetivismo típico do paradigma reprodutivista (Viana, 2019). Em síntese, o funcionalismo é funcional para o capitalismo oligopolista transnacional.

### **A influência de Durkheim na sociologia funcionalista**

Após apresentar a concepção funcionalista, sua manifestação na antropologia e sociologia, bem como algumas das principais críticas realizadas a ela, é possível analisar a relação de Durkheim com o funcionalismo. A concepção funcionalista, tal como foi visto anteriormente, surge no século 20, após a morte de Durkheim, que faleceu em 1917. A obra de Malinowski é de 1922 e a de Parsons, da década de 1930. Por conseguinte, Durkheim não teve acesso e nem conheceu a concepção funcionalista. Ele a antecedeu e a influenciou.

A sua influência na antropologia funcionalista não é muito clara, mas ele não era uma referência e nem se poderia deduzir que o funcionalismo antropológico tenha se inspirado em Durkheim. Malinowski retoma alguns elementos de Durkheim e reinterpreta termos, tais como o de função (Woortman, 2002). A influência de Durkheim sobre Radcliffe-Brown é mais reconhecida (Beserra, 2003), mas, mesmo nesse caso, é importante ressaltar que pontos em comum são aspectos do paradigma hegemônico na época, o positivismo. Assim, distinguir o que era influência direta de Durkheim,

---

como se pode, na sociedade moderna, trocar partidos por sindicatos na função de representação dos diversos setores da sociedade na democracia representativa, o que não muda nada efetivamente, muito menos significa uma revolução. A tentativa de Mendras no sentido de salvar o funcionalismo de seu conservadorismo é o mesmo que tentar salvar um defunto, pois não é possível salvar o que já morreu.



influência da difusão do positivismo como ideologia e em suas diversas manifestações, e expressões do paradigma positivista, é algo extremamente difícil. Sem dúvida, algumas referências diretas a Durkheim e elementos de seu pensamento existem, mas é preciso entender que existem mutações interpretativas também. A ideia de “unidade metodológica entre ciências humanas e ciências naturais” não é apenas de Durkheim, já existiam em Augusto Comte, seu mestre, e é um dos elementos mais difundidos do positivismo do século 19<sup>6</sup>. Assim, apenas elementos mais específicos encontravam influência durkheimiana (assim como em outros pensadores, como em Marcel Mauss e sua ideia de “fato social total”, que, no entanto, ninguém qualifica de “funcionalista”).

O caso da influência de Durkheim sobre o funcionalismo sistêmico da sociologia é mais explícito. De qualquer forma, Durkheim exerce influência em várias gerações de sociólogos. A escola durkheimiana foi hegemônica na sociologia francesa até 1945 (Viana, 2019). Mauss, seu sobrinho, era um dos representantes da escola durkheimiana, ao lado de Alfred Spinas, Maurice Halbwachs, Henry Levy-Bruhl, entre outros. Depois de 1945 ele não deixou de ter presença na sociologia francesa, mas deixou de ser hegemônico. Em outros países, sua influência variou de acordo com as épocas e nações. Dentre os estudiosos que tiveram suas reflexões inspiradas pela obra de Durkheim, destacam-se Talcott Parsons e Robert Merton, os dois grandes nomes da sociologia funcionalista.

Parsons reproduzia a concepção durkheimiana que enfatizava a solidariedade e complementaridade na sociedade, apontando uma importância na educação, na ação estatal, nas representações coletivas. Parsons defendia a tese de que as normas sociais são essenciais para a coesão da sociedade e que a ausência dessas normas resultaria em anomia, que pode levar à desintegração social. Em “*A Estrutura da Ação Social*”, escrita em 1937, Parsons desenvolveu uma teoria da ação social que enfatizava a importância das normas e valores em orientar a conduta humana.

Outro sociólogo influenciado por Durkheim foi Robert Merton, autor da teoria da anomia estrutural. Ele utilizou a noção de anomia de Durkheim para analisar a sociedade americana (1970). Merton argumentou que, embora a cultura americana enfatize o sucesso e a riqueza, o sistema social não fornecia os meios legítimos para que todos tenham sucesso. Assim, aqueles que são incapazes de alcançar esses objetivos são literalmente “anômicos” e podem se sentir marginalizados na sociedade. Isso ocorria

---

<sup>6</sup> Nesse sentido, pensar que tal ideia deriva da influência de Durkheim, como alguns autores fazem, é um equívoco ().

devido ao fato de que os indivíduos podiam aceitar os objetivos impostos pela sociedade, mas recusar seus meios. Para atingir a riqueza se requer trabalho, mas alguns indivíduos vão querer atingi-la usando outros meios (tal como o roubo).

Porém, Parsons e Merton não apenas resgataram algumas ideias durkheimiana, mas também realizaram críticas a elas. As críticas são bem superficiais, mas mostram a existência de diversas discordâncias. Parsons busca entender a ação social orientada por valores, o que mostra outra influência em seu pensamento, a de Max Weber (bem como outros autores, incluindo a psicanálise), e no seu processo analítico apontou que a concepção durkheimiana não conseguia abarcar a complexidade da sociedade moderna. Merton, por sua vez, criticou a noção de consenso social de Durkheim, argumentando que a sociedade é marcada por problemas que podem levar à anomia.

De qualquer forma, Parsons e Merton, na sociologia, resgataram e tiveram certa influência de Durkheim, ao lado de diversas outras (funcionalismo antropológico, Max Weber, cibernética, etc.). No caso da Ciência Política, a influência durkheimiana foi ainda menor, especialmente por sua apropriação da cibernética e “teoria” da informação. Porém, isso não fez de Parsons e Merton, autores “durkheimianos”. Eles inovaram, sejam assimilando outras concepções, seja criticando aspectos da concepção durkheimiana. Desta forma, fica visível que o funcionalismo sistêmico da sociologia, assim como o da antropologia, é cronologicamente posterior ao pensamento de Durkheim e que, embora resgate alguns elementos do pensamento durkheimiano, os reinterpreta e acrescenta diversos outros, além de criticar alguns.

Tendo em vista que os sociólogos funcionalistas não eram durkheimianos, em que pese tenha certa influência dele, então resta saber quais são os elementos do pensamento de Durkheim que entram em contradição com o funcionalismo (especialmente o sociológico) e que demonstram que ele não é funcionalista.

### **A crítica de Durkheim ao uso do termo “função”**

O construto fundamental do funcionalismo, tanto o antropológico quanto o sociológico, é o de “função”. Para Durkheim ser um funcionalista, o mesmo deveria ocorrer no seu pensamento. Contudo, Durkheim usava o termo função, mas o construto fundamental de sua abordagem metodológica é “causa”. Além disso, ele mesmo efetivou críticas ao uso do termo “função”, o que demonstra seu distanciamento em relação ao funcionalismo. Sem dúvida, a crítica do termo função de Durkheim é pouco conhecida, em geral pelo motivo de que a formação de gerações de sociólogos é precária e se limitam

a ler o capítulo 01, sobre o “fato social”, do livro *As Regras do Método Sociológico*. Afinal, é no capítulo 05 dessa obra que ele efetiva tal crítica.

Sem dúvida, seria possível apelar para a sua obra *Da Divisão do Trabalho Social*. Essa obra é bem mais biologizante do que as demais desse autor, bem como a palavra “função” aparece em vários momentos. Contudo, não há nada nessa obra que coloque o termo “função” como alguma primazia explicativa e o biologismo era compartilhada pelas tendências evolucionistas da época. Nessa obra, a palavra “função” (e “funções”, no plural), tem um significado pouco claro e próximo do sentido comum da palavra, além de ter importância explicativa.

Em *As Regras do Método Sociológico* esse termo aparece como parte de sua reflexão metodológica. Na verdade, Durkheim contrapõe as ideias de “causa” e “função” e defende a primazia da primeira e o caráter secundário da segunda.

A maior parte dos sociólogos acredita ter explicado os fenômenos uma vez que mostrou para que eles servem e que papel desempenham. Raciocina-se como se tais fenômenos só existissem em função desse papel e não tivessem outra causa determinante além do sentimento, claro ou confuso, dos serviços que são chamados a prestar. Por isso julga-se ter dito tudo o que é necessário para torná-los inteligíveis, quando se estabeleceu a realidade desses serviços e se mostrou a que necessidade social eles satisfazem (Durkheim, 1974, p. 78).

Essa “crença sociológica” na explicação pela função acaba deixando a questão fundamental da causa em segundo plano. Segundo Durkheim, mostrar a utilidade de um fato não explica sua origem e “nem como ele é o que é”. A ênfase nos usos deixa de lado que isso aponta para propriedades do fenômeno, mas não a sua criação. “A necessidade que temos das coisas não pode fazer que elas sejam deste ou daquele jeito e, conseqüentemente, não é essa necessidade que pode tirá-las do nada e conferir-lhes o ser” (Durkheim, 1974, p. 79). Um fato pode existir sem possuir função alguma, pois pode nunca ter se ajustado a um fim vital ou possui uma utilidade e a perdeu, existindo apenas como “sobrevivências”. Isso é mais comum na sociedade do que nos organismos. “Há mesmos casos em que uma prática ou uma instituição social mudam de funções sem, para tanto, mudarem de natureza” (Durkheim, 1974, p. 80). Nesse sentido, Durkheim separa causa e função:

De resto, é uma proposição verdadeira tanto em sociologia como em biologia que o órgão é independente da função, ou seja, que pode servir a fins diferentes embora permaneça o mesmo. Portanto, as causas que o fazem existir são independentes dos fins aos quais ele serve (Durkheim, 1974, p. 80).

Isso não quer dizer, argumenta Durkheim, que as funções não sejam importantes, que os desejos dos seres humanos não intervenham na realidade social. Porém, isso só ocorre quando é efeito de alguma causa. Segundo este autor, é preciso pesquisar de forma separada a causa eficiente que produz determinado fenômeno social e a função que ele cumpre<sup>7</sup>.

Portanto, quando se procura explicar um fenômeno social, é preciso pesquisar separadamente a causa eficiente que o produz e a função que ele cumpre. Servimo-nos da palavra função de preferência às palavras fim ou objetivo, precisamente porque os fenômenos sociais não existem, de modo geral, tendo em vista os resultados úteis que produzem. E não basta separar, pois é preciso tratar a questão da causa antes da questão da função. Essa ordem analítica corresponde à ordem dos fatos.

É natural investigar a causa de um fenômeno antes de tentar determinar seus efeitos. Esse método é ainda mais lógico porquanto a primeira questão, uma vez resolvida, ajudará a resolver a segunda. De fato, o laço de solidariedade que une a causa ao efeito tem um caráter de reciprocidade que não foi suficientemente reconhecido. Certamente o efeito não pode existir sem sua causa, mas esta, por sua vez, tem necessidade de seu efeito. É dela que o efeito tira sua energia, mas ele também lhe restitui eventualmente e, em vista disso, não pode desaparecer sem que ela disso se ressinta. Por exemplo, a reação social que constitui a pena é devida à intensidade dos sentimentos coletivos que o crime ofende; mas, por outro lado, ela tem por função útil manter esses sentimentos no mesmo grau de intensidade, pois estes não tardariam a se debilitar se as ofensas que sofrem não fossem castigadas. Do mesmo modo, à medida que o meio social torna-se mais complexo e mais móvel, as tradições e as crenças estabelecidas são abaladas, adquirem um caráter mais indeterminado e mais flexível, e as faculdades de reflexão se desenvolvem; mas essas mesmas faculdades são indispensáveis para as sociedades e os indivíduos se adaptarem a um meio mais móvel e mais complexo. À medida que os homens são obrigados a fornecer um trabalho mais intenso, os produtos desse trabalho tornam-se mais numerosos e de melhor qualidade; mas esses produtos mais abundantes e melhores são necessários para reparar o desgaste ocasionado por esse trabalho mais considerável. Assim, longe de a causa dos fenômenos sociais consistir numa antecipação mental da função que eles são chamados a desempenhar, essa função consiste, ao contrário, pelo menos num bom número de casos, em manter a causa preexistente da qual eles derivam; portanto, descobriremos mais facilmente a primeira se a segunda já for conhecida (Durkheim, 1974, p. 84).

---

<sup>7</sup> “Servimo-nos da palavra função de preferência às palavras fim ou objetivo, precisamente porque os fenômenos sociais não existem, de modo geral, tendo em vista os resultados úteis que produzem” (Durkheim, 1974, p. 80).

Isso, segundo Durkheim, não retira a importância da função. A sua importância é secundária, mas existe. A explicação completa de um fenômeno requer a explicitação da causa e da função. A “utilidade do fato não é aquilo que o faz existir, em geral é preciso que ele seja útil para poder se manter” (Durkheim, 1974, p. 85). Por fim, Durkheim busca se desvencilhar da explicação psicológica das funções “subjetivas”:

A causa determinante de um fato social deve ser buscada entre os fatos sociais antecedentes, e não entre os estados da consciência individual. Por outro lado, concebe-se facilmente que tudo o que precede se aplica tanto à determinação da função quanto à da causa. A função de um fato social não pode ser senão social, isto é, ela consiste na produção de efeitos socialmente úteis. Certamente pode ocorrer, e acontece de fato, que, por via indireta, o fato social sirva também ao indivíduo. Mas esse resultado feliz não é sua razão de ser imediata. Podemos portanto completar a proposição precedente, dizendo: A função de um fato social deve sempre ser buscada na relação que ele mantém com algum fim social (Durkheim, 1974, p. 96).

Esses aspectos são suficientes para entender que “função” não é um construto chave da sociologia durkheimiana. Além disso, ele questiona a ideia de explicação funcional e pela finalidade, aspecto essencial do funcionalismo. Para Durkheim, a ideia de função tem utilidade secundária e ajuda na explicação sociológica, mas tem limites (e formas de uso problemáticas, como tomá-la sem se considerar as causas ou como um processo de intencionalidade numa perspectiva mais psicológica que sociológica). Isso é mais do que suficiente para demonstrar que Durkheim não era funcionalista.

### **O equívoco interpretativo**

Resta saber como se tornou lugar-comum para diversos sociólogos, manuais de sociologia, textos disponíveis na internet, entre outras obras, a ideia de que este autor é funcionalista? Os alertas de alguns sociólogos não foram suficientes para desfazer esse equívoco grosseiro e constantemente repetido, mas, pelos menos, abre espaço para se responder a questão anterior:

Alguns definem Durkheim como um pensador funcionalista, o que é equivocado. Durkheim produziu suas ideias antes da emergência da ideologia funcionalista e ele mesmo criticou as explicações que fornecem primazia para a função [...], destacando que o mais importante é a causa. Sem dúvida, ele tinha algumas semelhanças com o funcionalismo posterior (e vai inspirar alguns deles, especialmente os funcionalistas sistêmicos), mas isso seria o mesmo que dizer que Engels era leninista, pois havia algumas semelhanças entre ambos e o primeiro inspirou o segundo. Esse tipo de anacronismo é possível pela falta da percepção da totalidade e da historicidade, pois as semelhanças de

partes acabam sendo acompanhadas pela desconsideração das diferenças, bem como abolindo a historicidade das duas ideologias. Assim, as semelhanças existenciais ocultam as diferenças essenciais (VIANA, 2019, p. 205).

A crítica acima, apresentada numa nota de rodapé, traz elementos essenciais para explicar a rotulação de funcionalismo para Durkheim. Vamos partir dessa contribuição para aprofundar a origem de tal interpretação do pensamento durkheimiano.

Como se define se uma autor se filia a uma concepção ou não? Para saber se um autor pertence a uma corrente ou escola de pensamento, existem alguns procedimentos básicos que qualquer pesquisador deveria saber utilizar. O primeiro critério é a autodefinição. A autodefinição não é suficiente e pode ser equivocada, mas é um indício que pode ou não se confirmar. Assim, tem autores que se dizem “freudianos” e não são, bem como alguns se dizem “marxistas” e não são. Porém, é muito raro o contrário, ou seja, alguém que não se diz “freudiano” ou “marxista” e ser adepto de uma ou outra corrente de pensamento.

Assim, quando a autodefinição é positiva, pode ser falsa. Por isso é possível existir um pseudomarxismo (termo usado por marxistas, desde os anos 1920, para denunciar os “falsos marxistas”, cujas ideias estão em frontal oposição, em certos casos até antagonismo, com as ideias do fundador do marxismo, Karl Marx, e, ainda, distante da defesa dos interesses do proletariado, elemento fundamental e que este autor vinculou suas concepções) ou um pseudofreudismo.

Porém, quando a autodefinição inexistente, ou seja, o pensador nunca afirmou ser da corrente de pensamento ao qual é vinculado, aí temos não apenas um indício e sim uma evidência. Lênin se dizia marxista e Lacan se dizia freudiano. É possível se colocar em dúvida essas autodefinições, pois elas não são inquestionáveis, são apenas indícios que devem ser investigados para se chegar a alguma conclusão. Max Weber nunca se disse “marxista”, bem como Piaget nunca se disse “freudiano”. Então considerar que Weber é marxista e Piaget é freudiano é algo inusitado e sem fundamentação, a não ser que se faça todo um processo de comprovação, o que remeteria a análise comparativa da corrente de pensamento e das ideias do referido pensador.

Esse aspecto contempla o segundo critério para se definir se um autor é integrante de uma determinada corrente de pensamento, ou seja, a análise comparativa entre o pensamento do autor e as concepções da escola ou tendência da qual ele poderia ser um representante. Porém, a análise comparativa deve saber identificar semelhanças e

diferenças, mas distinguir entre aquelas que são essenciais e as que são existenciais<sup>8</sup>. As semelhanças existenciais são, muitas vezes, aparentes, mas também podem ser que existam, mas não são essenciais. Se um intérprete quer saber se Lacan é freudiano ou Lênin é marxista, então é preciso entender o que é o freudismo e o marxismo, respectivamente, descobrindo o que é essencial para essas duas correntes de pensamento, o que as define e distinguindo o que é fundamental e o que é acessório, complementar, histórico, etc.

Uma vez feito esse procedimento, o passo seguinte é analisar se os mesmos elementos essenciais estão presentes no pensamento do autor que se quer saber se pode ser considerado de tal tendência. Os mesmos elementos definidores e essenciais do marxismo (de Marx) estão presentes no pensamento de Lênin? E essa análise tem que ser profunda, inclusive semântica, pois os dois autores podem usar a mesma palavra, mas com significados distintos. A palavra “dialética” é usada por ambos, mas é no mesmo sentido? E o mesmo valeria para classes sociais, modo de produção e um conjunto diverso de conceitos, visando identificar, especialmente no caso daqueles que são essenciais, se existe correspondência de significado. E no segundo exemplo, o “inconsciente” significa a mesma coisa em Freud e Lacan? E os demais termos? O analista competente saberá que o pensador posterior pode acrescentar termos para desenvolver a concepção da qual ele diz se filiar.

Porém, nesse caso, é preciso verificar se os novos termos acrescentados estão coerentes com os elementos essenciais do pensamento em questão ou se são incoerentes, pois, no último caso, o que se tem é uma nova corrente de pensamento ou então uma subdivisão no seu interior, o que só pode ser compreendido em cada caso concreto a partir do significado dos acréscimos apresentados. Assim, seria possível dizer se Lênin é marxista, pseudomarxista ou representante de uma nova tendência no interior dessa corrente de pensamento. O mesmo vale para o caso de Lacan: ele é freudiano, pseudofreudiano ou criador de uma nova tendência do freudismo? A partir dessa análise comparativa é possível se afirmar que Lênin é pseudomarxista, bem como que Lacan é pseudofreudiano. No caso de Lacan, no entanto, é possível identificá-lo como criador de uma nova tendência dentro da psicanálise (e não dentro do freudismo, pois é um equívoco reduzir a psicanálise ao pensamento de Freud, pois, embora na origem isso fosse correto, posteriormente os pseudofreudianos e não-freudianos criaram outras abordagens

---

<sup>8</sup> Sobre isso e um exemplo de análise comparativa, cf. Viana (2016).

psicanalíticas). Isso quer dizer que, em cada caso concreto, existem especificidades que precisam ser levadas em consideração.

Um outro critério é o da historicidade. É possível afirmar que Piaget é freudiano e que Weber é marxista, mas não é possível dizer que Aristóteles é freudiano ou que Jean-Jacques Rousseau é marxista<sup>9</sup>. O critério de historicidade exclui essa possibilidade, pois Aristóteles produziu suas ideias antes da existência do freudismo e por isso não poderia ser filiado ou representante) de algo que só surge muito posteriormente, tal como ocorre no caso de Rousseau. Para um pensador se filiar a uma corrente de pensamento é preciso que ele seja da mesma época ou posterior. Essa obviedade nem sempre é seguida pelos intérpretes, que geralmente caem no erro do anacronismo.

Pois bem, vejamos esses critérios no caso de Durkheim e o funcionalismo. O primeiro critério é o da autodefinição. Obviamente que todos sabem que Durkheim nunca se disse “funcionalista”. Essa obviedade remete para o segundo critério, que é o da historicidade. O funcionalismo só surgiu como corrente de pensamento após a morte de Durkheim. Logo, a inexistência da autodefinição de Durkheim como funcionalista já aponta para o equívoco interpretativo e, mais ainda, quando buscamos nesse autor como ele se autodefinia. Durkheim se autodefinia como positivista<sup>10</sup>. Essa autodefinição seria suficiente para os supostos “intérpretes” do pensamento durkheimiano não só buscar entender esse indício como, também, discutir a relação entre positivismo e funcionalismo.

---

<sup>9</sup> Em certos casos, nos quais um pensador mais antigo traz elementos que serão desenvolvidos posteriormente por uma corrente de pensamento, é possível interpretá-lo como “precursor” e não como integrante da mesma. Assim, é possível afirmar que Herbert Spencer e Augusto Comte são precursores da sociologia. Durkheim e Weber, por sua vez, são fundadores da sociologia. A diferença entre o precursor é que ele lança ideias e pensamentos que são próprios e podem constituir uma corrente de pensamento, mas em relação a outros casos, como, por exemplo, uma ciência particular (tal como é o caso da sociologia), eles contribuíram, mas não fundaram, não sistematizaram e forneceram suas bases, o que foi realizado por outros pensadores. No caso de correntes de pensamento, dificilmente se encontram “precursores”. Não é possível dizer que Hegel é um precursor do marxismo, por mais que Marx tenha se inspirado e utilizado elementos do seu pensamento. A razão disso é que uma corrente de pensamento, ao contrário de uma ciência particular que engloba diversas escolas de pensamento, é que ela forma uma concepção que é um todo coerente e original, o que promove diferenciação analítica. É por isso que Marx não é um precursor do leninismo e Freud não é precursor do lacanismo. Da mesma forma, Marx não é precursor do “comunismo de conselhos” e nem do “marxismo autogestionário”, pois essas duas tendências são derivados do marxismo original criado por esse autor. Nesse sentido, Marx é o fundador do marxismo, que inclui essas correntes que apenas acrescentam e atualizam as ideias já contidas no marxismo original. No caso do leninismo, é a diferença que impede o vínculo e, no caso dos dois outros exemplos, é a semelhança.

<sup>10</sup> “Aquilo que foi chamado de nosso positivismo, não é senão consequência deste racionalismo” (Durkheim, 1974, p. XVII). Numa nota de rodapé, ele distingue o seu positivismo do de Comte e Spencer: “o que equivale a dizer que não deve ser [o que ele denominou “nosso positivismo – CHM] confundido com a metafísica positiva de Comte e Spencer” (Durkheim, 1974, p. XVII).



Se Durkheim é positivista como afirma ser, e se os intérpretes mantêm a interpretação de que ele é funcionalista, então positivismo e funcionalismo são a mesma coisa?

Existem duas respostas possíveis para essa pergunta. Se positivismo e funcionalismo não são a mesma coisa, então Durkheim não é funcionalista. Se a resposta é que são a mesma coisa, os intérpretes que o enquadram em tal corrente de pensamento deveriam explicar qual o sentido da afirmação segundo a qual o funcionalismo antropológico surgiu nos anos 1920 e o sociológico algumas décadas depois? E, nesse caso, todos os pensadores positivistas, desde Comte até Ranke na historiografia, por exemplo, são todos “funcionalistas”? Obviamente que isso é uma grande confusão que somente mentes confusas poderiam acreditar que tenha algum sentido.

É possível dizer que Durkheim fundou o funcionalismo e ele foi retomado nos anos 1920 ou nos anos 1950 por outros funcionalistas. Isso significaria dizer que durkheimianismo e funcionalismo são a mesma coisa. Halbwachs, Levy-Bruhl, Marcel Mauss, Alfred Spinas e inúmeros outros se transformam, nesse caso, em funcionalistas. Claro que tal solução é problemática. A começar por um autor que inaugura uma corrente de pensamento que ele não a nomeia e prefere se autodefinir como positivista. Além disso, o que se identifica posteriormente como funcionalista é diferente e questiona elementos do pensamento de Durkheim, além de deixar elementos essenciais de lado (e isso remete para o próximo critério) e criar diversos outros. Isso seria o mesmo que dizer que Engels fundou o leninismo (Viana, 2019). Ou, para colocar algo muito mais improvável, devido as diferenças essenciais, Marx fundou o leninismo. Ora, se houve um conjunto de acréscimos e diferenças, então não tem sentido dizer que Durkheim é funcionalista, ou que Marx é leninista, mesmo porque, historicamente, esses pensadores são anteriores a tais correntes de pensamento.

O segundo critério é o da historicidade. Durkheim morreu em 1917 e a primeira obra considerada funcionalista é de 1922. Logo, como Durkheim poderia ser representante de uma corrente de pensamento que era inexistente em sua época? Novamente se pode utilizar o argumento de que Durkheim fundou o funcionalismo e, por conseguinte, a origem dessa corrente é anterior. Esse argumento, no entanto, gera a necessidade de mostrar que os funcionalistas são durkheimianos e que seguiram as ideias essenciais do sociólogo francês (o que remete para o terceiro critério). Porém, eles não se diziam durkheimianos e tinham outras fontes de inspiração. No caso dos funcionalistas sistêmicos, ao invés das analogias biológicas, existiam as analogias cibernéticas. Porém, de acordo com o critério de historicidade, Durkheim não é contemporâneo e nem posterior

à corrente funcionalista, o que significa que é impossível ele ser representante dessa corrente. A solução que seria argumentar que ele fundou a corrente não se sustenta, pois ele não só não usou o termo, como os que são considerados funcionalistas, que são posteriores a ele, não são termos durkheimianos.

O terceiro critério e o mais importante é o da comparação entre o pensamento de Durkheim e o funcionalismo. Já fizemos isso, em parte, quando trabalhamos a influência de Durkheim sobre o funcionalismo e quando abordamos sua crítica ao uso do termo “função”. O construto fundamental da explicação durkheimiana é “causa”, sendo função algo secundário. O construto fundamental das ideologias funcionalistas é “função” e a causa desaparece misteriosamente. No fundo, o funcionalismo regride em relação à Durkheim. Uma análise comparativa entre Durkheim e o funcionalismo identifica, portanto, diferenças essenciais. Por outro lado, também identifica semelhanças. O que há de semelhante, no entanto, perpassa um conjunto de correntes de pensamento, elementos do positivismo que se reproduz no funcionalismo, por exemplo. A influência do biologismo no funcionalismo antropológico segue a dinâmica da primazia da ciência biológica após a emergência do darwinismo. Porém, junto com a semelhança, existe a diferença. Enquanto o biologismo dominante do século 19 se manifestava como evolucionismo social (Spencer, por exemplo), no século 20, com o funcionalismo orgânico da antropologia, anti-evolucionista, é uma forma de organicismo estático.

Desta forma, em nenhum dos critérios para identificar se um pensador é parte de uma corrente de pensamento se aplica ao caso da vinculação de Durkheim com o funcionalismo. Durkheim não se definia como funcionalista e sim como positivista; Durkheim produziu suas ideias e obras antes da existência do funcionalismo; Durkheim não possui identidade ideológica com a ideologia funcionalista, pois embora existam semelhanças, derivadas de sua influência sobre tal corrente, existem diferenças essenciais, tal como a sua ênfase na causa e não na função, que é o contrário do que fizeram os funcionalistas.

Tendo em vista esses elementos que são relativamente óbvios, de onde surge o equívoco interpretativo de definir Durkheim como funcionalista? Podemos pensar isso em termos dos procedimentos intelectuais pelo qual se justifica isso e pelas motivações de quem faz isso. O procedimento intelectual básico para os intérpretes do “Durkheim funcionalista” é leitura superficial desse autor e do funcionalismo, o que gera a impressão, devido algumas características comuns, na identificação entre ambas ideologias. Sem dúvida, o caso da maioria, na verdade, nem sequer é uma interpretação e sim uma “inércia

interpretativa”. É o caso daqueles que leem algo na internet, um texto de blog, por exemplo, ou algum artigo ou manual, que realiza a afirmação de que Durkheim é funcionalista, e aí repete mecanicamente sem fazer nenhuma reflexão. Claro que alguns realizam o procedimento anterior e a leitura superficial geralmente confirma a interpretação equivocada de outros.

Outros dois procedimentos intelectuais podem ser identificados nessa criação de equívoco interpretativo. Um deles é o vínculo entre as ideias de Durkheim e o funcionalismo derivado do conservadorismo identificado em ambos. Embora alguns funcionalistas tentem escapar do rótulo de “conservador”, a essência do método funcional e da ideologia funcionalista é conservadora. O mesmo se encontra no caso de Durkheim, que, ao contrário de alguns funcionalistas, deixa bem claro o seu conservadorismo (“metodológico”)<sup>11</sup>. Esse procedimento intelectual é totalmente equivocado. Se o conservadorismo fosse suficiente para identificar correntes de pensamento, então Durkheim também poderia ser chamado de estruturalista, fenomenologista, weberiano, etc. O conservadorismo de algumas concepções é um elemento comum entre elas e quando estamos analisando correntes de pensamento, é a forma de conservadorismo que interessa e existem inúmeros conservadorismos, tanto políticos (liberalismo, conservantismo, republicanismo, fascismo, nazismo, nacionalismo, etc.) quanto metodológicos (método positivo, método funcional, método estrutural, etc.). Não deixa de ser curioso pensar que Durkheim e Weber são funcionalistas, por serem conservadores, apesar da fácil identificação de suas diferenças: um tem orientação estatista e o outro liberal; um é holista, o outro é individualista metodológico, entre diversas outras diferenças tanto políticas quanto metodológicas. Porém, ambos são conservadores.

O outro procedimento intelectual é o anacronismo. O anacronismo é um termo amplamente utilizado nas áreas da história, filosofia, literatura, arte e linguística para se referir a algo que não está sincronizado com o tempo em que ocorreu ou em que está sendo analisado. É a presença de elementos, ideias ou perspectivas que não são contemporâneos ao período em que estão sendo considerados. Nesse sentido, o anacronismo é uma forma de descontextualizar e recontextualizar o passado. No caso de Durkheim, retira ele do seu contexto e o coloca num outro contexto, posterior, que é o do funcionalismo.

---

<sup>11</sup> “Nosso método nada tem, pois, de revolucionário. Num certo sentido é até essencialmente conservador, pois considera os fatos sociais como coisas cuja natureza não é passível de modificação fácil, por mais dúctil e maleável que seja” (Durkheim, 1974).

Um último procedimento intelectual que podemos destacar no processo de transformação de Durkheim em funcionalista é a simulação. Alguns poderiam dizer que se trata de assimilação. A assimilação significa um procedimento mental no qual o indivíduo seleciona uma parte de um pensamento, ideia, obra, e a reinterpreta de acordo com suas próprias ideias<sup>12</sup>. Porém, a interpretação de Durkheim como funcionalista não é exatamente uma assimilação, pois não foram os funcionalistas que atribuíram a ele tal concepção. Não ocorreu a adaptação do pensamento de Durkheim ao do intérprete e sim um processo no qual este insere o pensamento de Durkheim numa ideologia, e não o próprio pensamento. É, portanto, uma simulação, um procedimento mental no qual se produz um simulacro, fazer algo irreal parecer real. No caso, apresentar Durkheim como funcionalista.

Um último elemento é explicar as motivações desses procedimentos intelectuais que desembocam na deformação interpretativa do pensamento de Durkheim. A inércia interpretativa que reproduz lugares comuns e materiais da internet ou manuais e autores pouco confiáveis apenas descompromisso com o trabalho intelectual, falta de tempo para pesquisa própria, ilusão com intérpretes e fontes pouco confiáveis, entre diversas outras motivações. A interpretação de Durkheim como funcionalista por causa do paralelismo com o conservadorismo pode ter motivação política (adeptos do progressismo, do pseudomarxismo, entre outras posições politicamente opostas, pelo menos discursivamente, ao conservadorismo) ou por superficialidade analítica derivada de idiosincrasias. O mesmo vale para o caso do anacronismo. A simulação possui, geralmente, as mesmas motivações do anacronismo e paralelismo focado no conservadorismo.

Em síntese, as motivações para interpretar Durkheim como funcionalista são fundamentalmente três: a motivação política, por querer aproximá-lo de uma corrente de pensamento amplamente criticada e de conservadorismo reconhecido; o escapismo intelectual, no qual se evita o aprofundamento e a pesquisa; processos variados da vida pessoal, desde idiosincrasias (tal como a excessiva credulidade diante de fontes pouco confiáveis, por exemplo, tal como no caso de livros didáticos, manuais, textos de internet,

---

<sup>12</sup> “O processo de assimilação ocorre tendo como ponto de partida um indivíduo que possui um determinado processo histórico de vida, um conjunto de valores e interesses, um modo de refletir e pensar o mundo, uma visão de mundo. Este indivíduo, portando este conjunto de características que dão forma a sua consciência, geralmente se encontra com ideias, concepções, experiências, etc., opostas à dele. A tendência deste indivíduo é rejeitar o que é oposto ou integrar elementos parciais transformando-os no sentido de lhes adaptar e fornecer-lhes coerência na sua consciência” (Viana, 2000, p. 169).

etc.) até condições sociais externas e alheias à vontade do indivíduo (falta de tempo, inacessibilidade à bibliografia, etc.). Essas motivações ajudam a entender o processo pelo qual uma interpretação problemática e sem fundamentação acaba se tornando popular e gerando uma corrente de opinião equivocada e em desacordo com a realidade.

### **Considerações Finais**

O sociólogo Norte-americano Michael Harrington afirmou, certa vez, que “os militantes, os ditadores e os estudantes, por suas razões próprias, não são dados a acuradas interpretações de texto” (apud. Viana, 2001, p. 23). O exercício de interpretação de um autor exige esse processo rigoroso de leitura e análise. Se hoje se reproduz em alta escala o equívoco interpretativo de Durkheim como funcionalista, isso se deve a um conjunto de determinações, entre as quais a falta de leitura e análise rigorosas.

A motivação política para vincular Durkheim e o funcionalismo, por sua vez, é um problema grave, pois o intelectual engajado deve ter compromisso com a verdade. E o compromisso com a verdade aponta para interpretações que não expressem o que se quer ver e sim o que está efetivamente lá. Além disso, esse vínculo entre Durkheim e o funcionalismo é desnecessário, pois o conservadorismo de Durkheim é por demais evidente (e assumido por ele mesmo), para ter que ser provado através dessa vinculação. Claro que isso requer a leitura e análise rigorosa da obra de Durkheim, inclusive seus textos mais políticos, o que poucos se dispõem a fazer.

O exercício realizado aqui foi resgatar uma interpretação correta de Durkheim e para isso usamos alguns procedimentos como analisar o funcionalismo e alguns dos seus principais elementos, analisar a influência e relação de Durkheim com essa ideologia, analisar as diferenças entre a concepção positivista de Durkheim e a concepção funcionalista dos antropólogos e sociólogos, apresentar critérios interpretativos que garantem maior confiabilidade no caso do enquadramento de autores em determinadas correntes de pensamento, e, por fim, analisar as origens da interpretação problemática do sociólogo francês como sendo um representante de uma concepção que surge posteriormente a ele.

O resultado final foi a conclusão, relativamente óbvia, de que Durkheim não é funcionalista. Durkheim é positivista, tal como ele mesmo se autodefiniu. O funcionalismo surge posteriormente e com concepções bem diferentes. Claro que entender esse processo requer um pensamento dialético, sabendo que o pensamento pode ir do mais abstrato para o mais concreto. No nível mais abstrato, podemos dizer que

Durkheim é um autor que reproduz a episteme burguesa ou, então, que é um ideólogo, tal como os autores funcionalistas. Num nível mais concreto, de análise de escolas de pensamento, a situação é diferente. O funcionalismo, o weberianismo, o estruturalismo, a fenomenologia, entre diversas outras ideologias, são, sem dúvida, correspondentes à episteme burguesa. Porém, fazem isso sob formas diferentes e se estamos nesse nível discursivo e interpretativo, então as diferenças não podem ser apagadas. Se o objetivo é criticar Durkheim por seu conservadorismo e proximidade com diversas outras ideologias conservadoras, então a análise deve ficar num nível superior de abstração. Sem dúvida, o método dialético seria fundamental para evitar esses problemas interpretativos, pois não só distingue os níveis de abstração e concreção, como também traz elementos que impedem o anacronismo, a desistoricização, a descontextualização, sendo fontes de interpretações mais fidedignas.

Diante dessa realidade, o que nos resta é apostar em mudanças sociais e culturais que promovam um clima favorável para interpretações mais fidedignas e profundas, que superem os equívocos interpretativos que reinam absolutos. Se não vemos isso no horizonte, inclusive por causa das mudanças tecnológicas que apontam para uma regressão do pensamento ainda maior, não devemos desistir, acomodar ou reproduzir essa miséria intelectual, e sim lutar para sair desse mundo miserável e avançarmos para a esperança num mundo rico, no qual as pessoas possam desenvolver sua riqueza interior e, por conseguinte, interpretações mais ricas e fidedignas.

### Referências

BESERRA, Bernardete. Tal Pai, Tal Filho? Algumas anotações sobre o legado de Durkheim na Antropologia de Radcliffe-Brown e Marcel Mauss. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 34, num. 02, 2003.

DURKHEIM, Emile. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARQUES, Carlos Henrique. Marx e a Ideologia. In: GOMES, Marcus (org.). *Marx e a Questão da Consciência*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 3ª Edição, São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MENDRAS, Henri. *Princípios de Sociologia*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MERTON, R. *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- PARSONS, Talcott. *El sistema social*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.
- RADCLIFFE-BROW, A. R. *Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VIANA, Nildo. “A Explicação nas Ciências Sociais”. *Fragmentos de Cultura*. Vol. 12, nº 05, set./out. 2002, pp. 823-838.
- VIANA, Nildo. *A Filosofia e sua Sombra*. Goiânia: Edições Germinal, 2000.
- VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. 2ª edição, Goiânia: Alternativa, 2007b.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. *Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Prismas, 2017.
- VIANA, Nildo. *Movimentos Sociais e Movimentos de Classe: Semelhanças e Diferenças*. *Revista Espaço Livre*, vol. 11, num. 22, jul./dez. de 2016.
- WOORTMAN, Klaus. *A ideia de Família em Malinowski*. *Campos – Revista de Antropologia*. Vol. 02, num. 22, 2002.
- WRIGHT MILLS, C. *A Imaginação Sociológica*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

#### Resumo

Existe uma interpretação corrente do pensamento de Durkheim que o classificam como seu um pensador funcionalista. Em livros didáticos, textos da internet, manuais de sociologia, entre outros lugares, é possível ver tal classificação. O presente artigo questiona se Durkheim pode realmente ser considerado funcionalista. A partir da análise do funcionalismo, da relação entre Durkheim e funcionalismo, do construto-chave do funcionalismo e sua percepção por Durkheim, critérios interpretativos, é explicitado que Durkheim não é funcionalista e ainda se explica as origens desse equívoco interpretativo.

Palavras-Chave: Durkheim, Funcionalismo, Função, Interpretação, Anacronismo.

#### Abstract:

There is a current interpretation of Durkheim's thought that classifies him as a functionalist thinker. In textbooks, internet texts, sociology manuals, among other places, it is possible to see such a classification. This article questions whether Durkheim can really be considered a functionalist. From the analysis of functionalism, the relationship between Durkheim and functionalism, the key construct of functionalism and its perception by Durkheim, interpretative criteria, it is explained that Durkheim is not a functionalist and the origins of this interpretative mistake are also explained.

Keywords: Durkheim, Functionalism, Function, Interpretation, Anachronism.

#### Résumé

Il existe une interprétation courante de la pensée de Durkheim qui le classe parmi les penseurs fonctionnalistes. Dans les manuels scolaires, les textes Internet, les manuels de sociologie, entre autres, il est possible de voir une telle classification. Cet article interroge si Durkheim peut vraiment être considéré comme un fonctionnaliste. À partir de l'analyse du fonctionnalisme, de la relation entre Durkheim et le fonctionnalisme, du construit clé du fonctionnalisme et de sa perception par Durkheim, des critères d'interprétation, il est expliqué que Durkheim n'est pas un fonctionnaliste et les origines de cette erreur d'interprétation sont également expliquées.

Mots clés: Durkheim, Fonctionnalisme, Fonction, Interprétation, Anachronisme.

#### Resumen

Existe una interpretación actual del pensamiento de Durkheim que lo cataloga como un pensador funcionalista. En libros de texto, textos de internet, manuales de sociología, entre otros lugares, es posible ver tal clasificación. Este artículo cuestiona si Durkheim realmente puede ser considerado un funcionalista. A partir del análisis del funcionalismo, la relación entre Durkheim y el funcionalismo, el constructo clave del funcionalismo y su percepción por Durkheim, criterios interpretativos, se explica que Durkheim no es funcionalista y también se explican los orígenes de este error interpretativo.

Palabras clave: Durkheim, Funcionalismo, Función, Interpretación, Anacronismo.

#### Resumo

Ekzistas aktuala interpreto de la penso de Durkheim kiu klasifikas lin kiel funkciisman pensulon. En lernolibroj, interretaj tekstoj, sociologiaj manlibroj, interalie, eblas vidi tian klasifikon. Ĉi tiu artikolo pridubas ĉu Durkheim vere povas esti konsiderata funkcianto. El la analizo de la funkciado, la rilato inter Durkheim kaj la funkciado, la ŝlosila konstruo de la funkciado kaj ĝia percepto de Durkheim, interpretaj kriterioj, estas klarigite, ke Durkheim ne estas funkciulo kaj la originoj de ĉi tiu interpreta eraro ankaŭ estas klarigitaj.

Ŝlosilvortoj: Durkheim, Funkciismo, Funkcio, Interpreto, Anakronismo.